



**Como Preparar Sermões
Bíblicos Eficazes. Página 4**



Mar/Abr 80
Ano 46
Número 2

De Coração a Coração

Êxito! 3

O Pastor e Sua Obra

Como Preparar Sermões Bíblicos Eficazes 4

Quando uma Igreja é Grande Demais? 7

Culto e Adoração

A Importância do Culto e da Adoração 11

Artigos Gerais

Salvação Agora 18

O Remédio Divino Para a Crítica 20

5205

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 5,00

Editado bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

capa otto

Êxito!

Será lícito desejar ser um obreiro de êxito? S. Paulo recomendava a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade." II Tim. 2:15. Esta é uma recomendação para fugir da mediocridade e para ser um obreiro responsável e irrepreensível, e que efetua as coisas com esmero; em outras palavras: para ser um obreiro de êxito.

Ellen G. White, no livro *Serviço Cristão*, declara o seguinte: "Verdadeiro êxito, seja em que ramo de trabalho for, não é resultado do acaso ou do destino. É a operação da providência de Deus, a recompensa da fé e da prudência, da virtude e da perseverança. . . . Deus dá oportunidades; o êxito depende do uso que se faz delas. . . . Se [os obreiros] confiam em Deus quanto a graça e forças, hão de ser bem sucedidos. . . . Quando Deus abre o caminho para a realização de determinada obra, e dá certeza de êxito, o instrumento escolhido tem que fazer tudo que estiver a seu alcance para produzir o prometido resultado. O sucesso será proporcional ao entusiasmo e à perseverança com que o trabalho é levado a cabo. . . . O êxito não depende tanto de talento, como da energia e da boa vontade." — Páginas 258-264.

Nesses parágrafos é claro o ensino de que o obreiro deve aspirar a ter êxito, por meio das qualidades positivas e da entrega completa a Deus.

Em que consiste o êxito? Fundamental-se-á em escalar posições na administração? Em obter abundantes resultados numéricos? Em ter bom nome e boa fama?

Na Bíblia são mencionados dois homens que inequivocamente tiveram êxito segundo Deus. De João Batista, disse o próprio Jesus: "Entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista." No Velho Testamento encontra-se o que Deus mesmo disse de Jó: "Observaste o Meu servo Jó? porque ninguém há na Terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal." Jó 2:3. O estranho de ambos é que Deus e Cristo os declararam grandes e bem sucedidos quando um estava arruinado, e o outro, morto. Certamente, aos olhos humanos, tanto Jó como João haviam fracassado; para Deus, porém, eles ha-

Quando Deus abre o caminho para a realização de determinada obra, e dá certeza de êxito, o instrumento escolhido tem que fazer tudo que estiver a seu alcance para produzir o prometido resultado.

viam alcançado o mais alto grau de êxito. Qual a razão? Porque ambos haviam posto inteiramente sua confiança em Deus, haviam cumprido fielmente a missão que o Senhor lhes designara e nunca puseram em dúvida os planos de Deus para suas vidas.

João nunca transpôs os estreitos limites do deserto. Mas Deus tinha uma missão para ele num tempo determinado, num lugar determinado e com uma mensagem determinada. João cumpriu cabalmente a missão que lhe foi confiada. Sabia qual era seu lugar. Não procurou exaltar-se a si mesmo. Quando Cristo chegou, imediatamente Lhe deu a honra e o lugar que Lhe correspondiam, anunciando com sinceridade e nobreza: "Convém que Ele cresça e que eu diminua." À medida que diminuía aos olhos humanos, crescia à vista de Deus.

Amiúde encontramos obreiros frustrados pelo que julgam ser falta de êxito. Um deles disse: "Quase todos os meus companheiros progrediram. São departamentais, presidentes, gerentes; e eu continuo sendo um simples pastor!" Outras vezes, bons pastores manifestam a ansiedade de saltar de uma vez para o setor administrativo, que eles julgam ser a demonstração de "terem alcançado êxito". Por certo, quando o Senhor chama alguém para desempenhar a função de administrador, esse indivíduo deve fazer tudo que estiver ao seu alcance para ser um administrador de êxito. No entanto, se o Senhor mantém a outros no pastorado, é porque deseja que tenham êxito nesse trabalho.

Outra idéia exótica é que se alguém "teve êxito" e foi nomeado administrador, deve continuar indefinidamente em linha ascendente, "escalando posições", para ser considerado obreiro de êxito. Algumas comissões até "inventam cargos" para aqueles que não foram reeleitos, porque não podem ser "degradados ou rebaixados". Creio sinceramente que jamais alguém deve sentir-se rebaixado por trabalhar na obra pastoral, a qual é a obra básica a que é chamado o pastor. Uma nomeação administrativa é de caráter absolutamente temporal e transitório. Uma vez coberto o período, se os irmãos acharem conveniente chamar a outra pessoa, o natural é retornar ao normal, isto é, à obra pastoral. Alguém duvi-

**De Coração
a Coração**

daria de que S. Paulo foi um obreiro de êxito? Entretanto, jamais ocupou um cargo administrativo: sempre foi um pastor e um evangelista.

Quando o Pastor Artur Daniells, um dos mais brilhantes líderes da Igreja, cumpriu 21 anos como presidente da Associação Geral, foi substituído e nomearam-no para organizar a Associação Ministerial. Em vez de pensar que havia sido "degradado", ele se pôs a trabalhar com um empenho assombroso, realizando uma obra gigantesca quase até o último dia de sua vida.

Sente-se frustrado? Crê que está realizando uma tarefa muito humilde? Ouça o que diz a inspiração: "Pode-se encontrar verdadeira excelência na mais humilde sorte. As mais modestas tarefas, desempenhadas com amorável fidelidade, são belas aos olhos de Deus." — *Serviço Cristão*, pág. 264.

As Divisões Interamericana e Sul-Americana têm aproximadamente dois mil pastores e obreiros evangélicos. Estes abnegados obreiros têm a seu cargo quase um milhão de membros — uma média de 500 membros por obreiro evangélico. Além disso, repousa sobre eles a responsabilidade de evangelizar 360 milhões de pessoas. Precisam velar por todo o programa denominacional em suas respectivas igrejas. Cada pastor deve ser um administrador, pregador, instrutor bíblico, visitador, professor, conselheiro, financista, executivo, teólogo, líder, promotor... além de esposo e pai. É esta uma obra pouco importante? O Senhor o torna responsável de que seus membros e suas igrejas sejam "sem mácula, nem ruga", de que seus membros "representem o caráter de Cristo", e de que o evangelho seja conhecido até o último rincão de seu distrito. É esta uma obra de pouca transcendência?

A obra na qual o Senhor o colocou é importante, e Ele o convida a ter êxito no trabalho que lhe foi confiado. Pode elevar-se ali aos mais altos níveis

A obra na qual o Senhor o colocou é importante, e Ele o convida a ter êxito no trabalho que lhe foi confiado.

de excelência e ter um êxito clamoroso ante os olhos do Senhor.

Quando eu era um jovem aluno no Colégio do Chile, um dos empregados mais modestos era o chefe da carpintaria; no entanto, influenciou decisivamente em minha vida e me ajudou a tomar a decisão de dedicar-me ao ministério. Sei que influenciou na vida de muitos outros jovens. Provavelmente quase ninguém se lembra dele; creio, porém, que no Céu será galardoado como um obreiro de êxito. Certamente era a tais obreiros que se referia o Espírito de Profecia ao dizer: "Os mais humildes obreiros, em cooperação com Cristo, podem tocar cordas cujas vibrações ressoarão até aos extremos da Terra, e ecoarão harmoniosamente através dos séculos eternos." — *Idem*, pág. 257.

Quando você, querido companheiro, ler estas linhas, talvez esteja trabalhando no distrito mais longínquo de seu Campo, para não dizer na selva ou nas montanhas. Talvez seja o pastor de uma pequena igreja, ou o professor de uma modesta escola, ou o colportor numa remota e pobre aldeia.

Mas o Senhor o chamou a esse lugar. Ele tem uma missão para você. Espera que realize seu trabalho com dedicação, consagração e amor. Talvez ninguém veja nem aprecie seus esforços, mas há *Alguém* que os vê e aprecia. Aí onde você está, onde o Senhor o pôs, Ele o chama para que trabalhe de tal maneira que obtenha *êxito* e que se possa dizer a seu respeito: "Muito bem, servo bom e fiel;... entra no gozo do teu Senhor."

"Se nos entregarmos completamente a Deus, e seguirmos Sua direção em nosso trabalho, Ele mesmo se responsabilizará pelo cumprimento. Não quer que nos entreguemos a conjeturas sobre o êxito de nossos esforços honestos. Nem uma vez devemos pensar em fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso." — *Idem*, págs. 261 e 262.

Como Preparar Sermões Bíblicos Eficazes

Indispensável a um ministério vivo e vibrante é a proclamação da Palavra de Deus no Culto Divino. No culto à congregação se reúne por ordem de

Deus para ouvir Sua Palavra e estar certa da presença de Cristo. Sempre que a Palavra de Deus é proclamada fielmente, o Espírito Santo ilumina,

santifica, nutre e ampara a igreja. Assim a congregação pode oferecer a Deus com confiança e alegria suas orações, seus hinos de louvor e consagração, e suas dádivas feitas com sacrifício.

A tarefa da pregação não é, portanto, simplesmente mais um entre os muitos deveres do pastor — ela é essencial e constitui o próprio âmago da obra do pastor. Isto não significa que o ministro passa a maior parte do tempo em seu gabinete, examinando os seus livros; pelo contrário, ele deve equilibrar o estudo dos livros com a visitação pastoral, com o aconselhamento e com atividades administrativas. A experiência prática do ministro é tão vital para o preparo do sermão como o seu estudo.

Como efetuar, então, a tarefa de preparar sermões bíblicos eficazes — sermões que satisfaçam às necessidades da comunidade reunida para o culto?

Definição de Pregação Bíblica

Pregação bíblica, em poucas palavras, é a proclamação da Palavra de Deus à congregação. Na realidade, proclamar a Palavra de Deus significa muito mais do que simplesmente ler a Bíblia e atribuir uma lição prática à passagem lida. A pregação bíblica envolve a cuidadosa remoção do texto de seu engaste original, transferindo-o para a situação atual da igreja. Para efetuá-lo, o ministro precisa compreender não somente as Escrituras mas também a sua congregação — o mundo dos tempos bíblicos e o mundo de sua igreja, bem como as semelhanças e diferenças entre ambos esses mundos.

Visto que o sermão serve de ponte entre o passado e o presente, e não constitui meramente um comentário sobre o texto, não se deve confundir a pregação bíblica com exegese gramatical, histórica ou teológica. Ela vai além disso, a fim de proclamar a passagem bíblica como normativa para a fé e prática cristã, de um modo que informa, desperta, assegura e sustém a congregação em sua vida de fé. No entanto, a pregação bíblica precisa centralizar-se na passagem bíblica e não nalgum problema pessoal ou questão contemporânea. Só a Bíblia é a norma para as crenças e conduta da igreja. Compêndios de psicologia, sociologia ou coisa parecida não podem tomar o lugar da Bíblia como a base da fé cristã.

Como mestre e defensor da fé, o ministro obtém sua autoridade da Bíblia, mas só na medida em que ele compreende e interpreta corretamente a sua mensagem. Uma análise superficial

José J. Battistone
Pastor de uma
igreja adventista do
sétimo dia na
Carolina do Norte,
EE.UU.

das Escrituras, que só dá ao ministro uma vaga idéia do que o texto está dizendo, debilita sua capacidade para falar poderosa e convincentemente do púlpito. Também rebaixa o significado da pregação aos olhos da congregação, privando a Deus da oportunidade de dirigir-Se a Seu povo no culto.

A pregação bíblica é, portanto, a única espécie de pregação que provê poder ao pastor para ministrar eficazmente a sua congregação. É a única espécie de pregação que encerra a autoridade das Escrituras Sagradas. Não pode haver sucedâneo à pregação bíblica.

Princípios Fundamentais de Preparação

A tarefa de preparar sermões bíblicos envolve três disciplinas científicas: hermenêutica (os princípios de interpretação bíblica), exegese (a metodologia da exposição) e homilética (as técnicas da preparação do sermão). A maneira como um ministro realmente procede na preparação de sua mensagem pode diferir da de outro; no entanto, o ministro não pode desprezar nenhuma dessas três disciplinas e esperar pregar sermões bíblicos eficazes. Consideremos essa tarefa sob quatro subdivisões: o princípio de interpretação gramatical, o princípio de interpretação histórica, o princípio de interpretação teológica e a tradução da Palavra de Deus para a linguagem contemporânea.

O Princípio de Interpretação Gramatical

A pregação bíblica começa com a exegese do texto, e a exegese segue os princípios gramaticais. Ela procura entender o significado verbal do texto analisando a função e o sentido das palavras empregadas, bem como a gramática e a sintaxe.

A exegese gramatical abrange mais do que o conhecimento geral do vocabulário e da gramática. Ela requer informações a respeito dos diversos significados possíveis de termos ambíguos e de construções gramaticalmente obscuras. Visto que a Bíblia foi escrita em hebraico e grego (e algumas partes em aramaico), o ministro que não conhece essas línguas se encontra numa posição desvantajosa. Não basta achar simplesmente num dicionário o termo equivalente em português a uma palavra hebraica ou grega. Por exemplo, o vocábulo grego equivalente à palavra *mundo* em português encerra uma variedade de significados que precisam ser

O Pastor e Sua Obra

levados em consideração quando é preparado um sermão sobre a igreja na vida contemporânea.

O ministro que não possui adequadas habilidades lingüísticas pode fazer uso de tais auxílios lexicais como comentários, concordâncias e dicionários teológicos, contanto que compreenda o seu objetivo e saiba como incorporar as informações no sermão. Os comentários diferem em função e escopo, bem como na posição teológica. Alguns se ocupam principalmente com questões de crítica textual (como o *Commentary on the Greek New Testament*, de Bruce Metzger) ou com a crítica literária e da fonte (*The International Critical Commentary Series*) ou com a exegese teológica (*The Anchor Bible*) ou com a exposição homilética (*The Pulpit Commentary*). Entretanto, mesmo quando o ministro possui e usa corretamente tais ferramentas, precisa examinar ainda as palavras em seu contexto gramatical dentro da frase, da cláusula, do parágrafo e, finalmente, de toda a exposição.

O Princípio de Interpretação Histórica

A exegese bíblica procura compreender o significado gramatical do texto à luz da situação histórica em que foi escrito ou proferido pela primeira vez. Isto significa que devemos ter um conhecimento geral da história literária da Bíblia, bem como certa compreensão da religião, sociedade, política e economia israelita. Precisamos estar familiarizados com os diversos tipos literários existentes na Bíblia e as circunstâncias específicas em que foram usados. No Velho Testamento temos exemplos de leis (Êxo. 20:1 a 23:19), historiografia (Juízes), sabedoria ou filosofia (Provérbios), escritos devocionais (Salmos) e literatura profética (Jeremias). Num sentido mais restrito, notamos tais *gêneros* literários como uma enunciação legal (Êxo. 21:15), uma narrativa histórica (II Sam. 2:8 a 4:12), um enigma (Juí. 14:14 e 18), um hino (Sal. 100) ou um oráculo profético (Amós 4:1-3).

Não basta identificar simplesmente os tipos literários. Acima de tudo, o ministro deve discernir a relação entre a literatura inspirada e a história sagrada do povo ao qual foram dirigidas as mensagens. O sermão baseado sobre um texto deve primeiro interpretar esse texto à luz de seu próprio engaste histórico-religioso. É útil saber se o texto que está sendo citado é uma bênção sacerdotal proferida sobre a congregação no fim do culto (Núm. 6:24-

A tarefa de preparar sermões bíblicos envolve três disciplinas científicas: hermenêutica (os princípios de interpretação bíblica), exegese (a metodologia da exposição) e homilética (as técnicas da preparação do sermão).

26) ou um canto fúnebre proclamado pelo profeta como lamentação sobre a queda de Jerusalém (Lam. 1:1).

A exegese histórica dimana, portanto, da convicção de que a revelação de Deus a Seu próprio respeito ocorreu no palco da história humana e que a testemunha humana da revelação divina era um produto de determinada cultura. Isto não nega, de modo algum, a inspiração da Bíblia; antes confirma o caráter histórico da revelação bíblica. Com efeito, essa confirmação provê uma salvaguarda contra fantasiosas interpretações da Bíblia que surgem da imaginação criativa do leitor, antes que de intensivo e devoto estudo do texto.

Visto que a Bíblia é um documento histórico e a Igreja é um movimento histórico, a exegese histórica é importante tanto para compreender a mensagem bíblica como para determinar seu significado na atualidade. Questões de data, autoria, antecedentes e circunstâncias são essenciais à tarefa de preparar sermões bíblicos. Quanto mais conhecermos as condições político-religiosas e sócio-econômicas sob as quais foi escrito certo documento, tanto melhor poderemos compreender a mensagem do autor e aplicá-la de acordo com isso.

O Princípio de Interpretação Teológica

O ministro também deve compreender e explicar um texto teologicamente. Não somente deve estar inteirado do que esse texto está dizendo em primeiro plano, mas também da teologia que elucida o texto. Uma pessoa sem preparo teológico pode ler o livro de Amós e entender os pontos gerais ali expressos. Ela pode ler as denúncias proféticas contra os ricos aristocratas, os juízes corruptos e o complicado sistema de culto, percebendo provavelmente por que foi proferido um ai sobre a nação. E, no entanto, as conclusões a que ela chegaria seriam superficiais, porque deixaria de esquadrinhar profundamente a teologia que levou Amós a profetizar. A menos que o ministro compreenda que a pregação de Amós se baseava nas antigas tradições de seu povo, o sermão preparado por ele será superficial ou talvez incorreto.

Obviamente, o profeta falou por Deus no contexto das tradições teológicas de seu povo, bem como à luz das circunstâncias de seu tempo. O conhecimento deste fato habilita o ministro a interpretar o texto teologicamente e a pregar a mensagem com clareza e poder. A pregação bíblica eficaz não despreza

as questões teológicas, mas lida diligentemente com os principais assuntos e conceitos da Bíblia, proporcionando à congregação uma clara exposição de sua relevância sob o aspecto prático. Cumpre ter em mente que a teologia da Bíblia não é expressa em linguagem abstrata e deveras especulativa. Ela é transmitida em linguagem concreta e pitoresca, a fim de apresentar a homens e mulheres, no decurso de suas atividades diárias e seculares, inspirados conselhos sobre como viver.

A Tradução da Palavra de Deus na Linguagem Contemporânea

A pregação bíblica é evidentemente mais do que um comentário que explique o significado gramatical, histórico e teológico de um texto. A mensagem do texto precisa ser traduzida para a linguagem da congregação e apresentada de tal maneira que se veja claramente que corresponde à situação contemporânea. Para realizar isto, o ministro precisa ser versado não só nas Escrituras, mas também nas ciências sociais, especialmente as que têm que ver com a conduta humana. Deve aprender a fazer as perguntas certas a respeito do texto e de sua congregação, e formular uma mensagem baseada em meticolosa pesquisa efetuada com oração.

É importante que o ministro esteja ciente das questões contemporâneas e de seu impacto sobre o pensamento, as emoções e a conduta de sua igreja. É igualmente importante que a igreja creia que o pastor compreende o que está acontecendo no mundo e como isso influi sobre eles.

Um ministro pode fazer esmerada exegese de um texto bíblico e diminuir no entanto a significação de seu estudo fazendo observações superficiais sobre a vida contemporânea. A igreja neces-

A exegese bíblica procura compreender o significado gramatical do texto à luz da situação histórica em que foi escrito ou proferido pela primeira vez.

sita de penetrantes análises e críticas do mundo hoje em dia. Não deveria uma congregação estar informada acerca do significado profético das tensões e agitações no Oriente Médio? Não podem os ministros proporcionar à igreja orientação sobre o viver saudável? Por certo, os pastores que estão atentos à diminuição dos recursos naturais, ao crescimento da população mundial e ao evidente pessimismo dos comentaristas sociais podem preparar sermões bíblicos eficazes sobre a segunda vinda de Cristo!

Os sermões podem abranger outras áreas de prementes necessidades. O ministro deve ajudar a congregação a discernir o bem do mal e dar conselhos sobre como proteger-se contra as artimanhas do diabo. Quais são as forças que contribuem para a derrocada das famílias? Como o marido e a esposa podem organizar sua vida em torno da Palavra de Deus, a fim de preservar a pureza de seu casamento e a segurança, estabilidade e solidariedade de seu lar?

Compreende o ministro como o senso de inaptidão pode impelir os jovens ao uso dos tóxicos, as mães ao uso do álcool e os pais ao crime? É ele sensível à angústia que alguns de seus membros experimentam diante da culpa, da solidão ou do enfado? Proclama ele boas-novas das Escrituras para os que empobreceram, alívio para os oprimidos e libertação para os cativos? Os sermões desse tipo não se formam casualmente. Constituem o produto de diligente esquadrinhação da alma, de penetrante observação, de estudo intensivo e de muita oração. Mas os resultados são compensadores. A pregação bíblica tem valor criativo e redentor para a igreja. Sempre que é proclamada a Palavra de Deus, a igreja é nutrida. E quando a igreja é nutrida, ela cresce espiritual e numericamente!

Quando uma Igreja é Grande Demais?

Qual é o tamanho ideal de uma igreja? Quando ela se tornou grande demais? Quando deve pensar em promover uma nova congregação num território adjacente? Estas perguntas podem suscitar uma variedade de respostas.

Orley M. Berg
Diretor executivo
da revista *Ministry*

Antes de nos voltarmos especificamente para elas, faríamos bem em considerar qual é a finalidade da Igreja. Quais são seus objetivos? Como se deve medir o seu êxito?

No sentido mais amplo, o propósito da Igreja pode ser exposto nas palavras

referentes a João Batista: "Habilitar para o Senhor um povo preparado."

Esta definição envolve tanto a conquista de pessoas para Cristo como o ato de ajudá-las em seu pleno desenvolvimento espiritual. Alguns diriam que o evangelismo é a suprema missão da Igreja. Mas o evangelismo às vezes se torna um fim em si mesmo, quando em realidade apenas é o meio para chegar a determinado fim. Igualmente importante é o que acontece às pessoas depois de terem sido evangelizadas e haverem aceito a mensagem do evangelho.

O evangelismo sem o encargo de trabalho adicional de crescimento espiritual provavelmente será orientado para o sucesso. Se este for o caso, o alvo é a produtividade. Então o que importa é a imagem. Quando acontece semelhante coisa, a alma é reduzida apenas a mais uma pessoa a ser contada. O plano de Deus para a Igreja é muito mais do que isso.

Ele foi mais cabalmente delineado pelo apóstolo Paulo em Efé. 4:11-15. O verso 11 menciona os diversos dons da Igreja: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. O verso 12 declara que estes dons são dados "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos". É verdade que as pessoas se tornam perfeitas por meio da justiça imputada de Cristo no momento em que a alma se entrega a Ele. Mas o plano de Deus é que os novos conversos, mediante a justiça comunicada por Cristo, venham a ser experientialmente o que são posicionalmente.

Deus tenciona que os membros de Sua Igreja se tornem plenamente desenvolvidos, amadurecidos e perfeitos. Deseja que façam uso de todas as suas capacidades. O desafio lançado ao ministério é conduzi-los à altura de suas possibilidades. Para realizar isto, são derramados sobre a Igreja os dons do Espírito Santo (ver Gál. 3:3). A consecução de nossas possibilidades consitui o objetivo das provações que têm permissão para ocorrer em nosso caminho (ver S. Tia. 1:2 e 3). Este é também o designio do sofrimento (ver I S. Ped. 5:6). Até é declarado que o propósito da Palavra é que por ela nos seja dado crescimento (ver cap. 2:2).

Tudo quanto nos é provido pela Igreja, bem como tudo quanto é permitido em nossa experiência destina-se a conduzir-nos à perfeição, à maturidade.

Esta era a grande paixão do apóstolo Paulo. Sua pregação e ensino aos colossenses foi "que apresentemos todo homem perfeito em Cristo". Col. 1:28.

Deus tenciona que os membros de Sua Igreja se tornem plenamente desenvolvidos, amadurecidos e perfeitos.

No capítulo 4:12 ele declara: "Para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus." Seu desejo final para os coríntios dizia respeito ao "vosso aperfeiçoamento". E concluiu a epístola afirmando: "Quanto ao mais, irmãos, adeus! Aperfeiçoi-vos." II Cor. 13:9 e 11.

Todos os outros líderes da igreja primitiva tinham em mente esse mesmo objetivo, essa mesma paixão. E esta deve ser a obra dos dirigentes da Igreja hoje em dia. É-nos declarado: "Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus. Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la." — *Parábolas de Jesus*, pág. 69.

É terrível pensar que deixando de desfrutar esta experiência estaremos adiando a vinda de nosso Senhor. Em Efé. 4:12 o apóstolo usa a frase-chave que expressa todo o plano de Deus para a Igreja. É "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos". Chegou o tempo de encarmos este objetivo com seriedade, a fim de que possamos realmente "habilitar para o Senhor um povo preparado".

Havendo salientado o propósito da Igreja, acrescentemos agora que uma igreja amadurecida se reproduz por si mesma. Bebês não têm filhos, e, sim, pessoas amadurecidas. Além disso, os pastores não têm ovelhas, e, sim, as próprias ovelhas. Não é isso o que Paulo nos diz em Efé. 4:12? Os dons foram dados "para equipar o povo de Deus para o desempenho de Seu serviço" (*The New English Bible*).

De acordo com isso, quem deve efetuar a obra do ministério? Os santos! Diz a tradução de Beck: "A fim de preparar Seu santo povo para servir de obreiros." O pastor deve conduzir os santos à maturidade e habilitá-los para que eles, por sua vez, possam levar eficazmente avante a obra do ministério.

Os líderes da igreja do Novo Testamento viram o evangelho propagar-se e multidões sendo arrebanhadas enquanto os membros leigos, pastoreados e habilitados por eles, saíam com santo zelo para contar a história do amor de Jesus. Obviamente, isso constitui também o padrão para hoje. Quando os seguidores de Cristo estão amadurecidos e devidamente instruídos, o ministério é com toda a naturalidade o encargo de cada um deles.

É-nos declarado: "Todos devem agora trabalhar por si mesmos e, quando

tiverem Jesus no coração, confessá-Lo-ão a outros. Tampouco poderia uma alma que possua a Cristo ser impedida de confessá-Lo, como as águas do Niágara poderiam ser impedidas de precipitar-se da catarata.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 236.

Nós com freqüência invertemos tudo isso. O ministro se desgasta procurando impelir os membros a fazer o que ele é impelido a realizar. No entanto, se ele se dedicar inteiramente à edificação e habilitação dos santos, o Espírito Santo impelirá os santos amadurecidos a efetuar a obra do ministério.

O Amadurecimento e o Ministério Andam Juntos

Importa salientar que o amadurecimento e a obra do ministério andam juntos. O cristão recém-convertido deve começar imediatamente a partilhar sua fé, para que não se perca. Necessitará, porém, de nutrição espiritual e instrução prática. Notai os seguintes conselhos muito oportunos:

“Logo que seja organizada uma igreja, ponha o ministro os membros a trabalharem. Terão eles que ser ensinados a trabalhar com êxito.” — *Evangelismo*, pág. 353. (Grifo acrescentado.)

“Responsabilidade e atividade pessoal no buscar a salvação de outros, eis a educação que deve ser ministrada a todos quantos chegaram recentemente à fé.” — *Idem*, pág. 354.

“Ensinai-os dando-lhes alguma coisa a fazer, em qualquer ramo de serviço espiritual, para que seu primeiro amor não arrefeça, mas aumente em fervor.” — *Idem*, pág. 356.

“Busque ele manter a igreja viva ensinando seus membros a trabalharem com ele pela conversão dos pecadores. Isto é ser bom general; e o resultado se demonstrará muito melhor do que se ele procurar realizar a obra sozinho.” — *Idem*, pág. 357.

Isto nos conduz de volta a nossa pergunta original. Se a obra do pastor é a de edificar a espiritualidade da igreja e instruí-la e organizá-la para o trabalho de conquistar almas, quão grande deve ser então uma igreja e quando ela se torna grande demais? Evidentemente, uma igreja nunca é pequena demais para entrar nesse programa. Mas se o plano é seguido, ela crescerá. Quando seu crescimento numérico começa a prejudicar sua eficiência, chegou o tempo de alguns dos membros formarem o núcleo de uma nova congregação.

Se a igreja está ou não cumprindo

Tudo quanto nos é provido pela Igreja, bem como tudo quanto é permitido em nossa experiência destina-se a conduzir-nos à perfeição, à maturidade.

sua missão de acordo com o modelo do Novo Testamento depende em grande parte da natureza da nutrição e do preparo que têm sido dados. Este conceito bíblico é vital para a adequada liderança em nossas igrejas. Uma igreja pequena de 50, 100 ou 250 membros não está, só por causa do seu tamanho, desempenhando melhor a sua parte do que uma igreja de 1.000 ou mesmo 3.000 membros. O pastor de uma igreja grande, com um programa bem organizado e uma equipe bem preparada, pode estar tendo muito mais êxito em aperfeiçoar os santos e em os habilitar e dirigir na obra do ministério do que o pastor de uma igreja menor, cuja principal obsessão é receber um chamado para um pastorado mais amplo.

Quando foi chamado para a Igreja “Grace Community”, na Cidade Panorama, Califórnia, o Pastor João McArthur tinha muitas idéias grandiosas e quase se matou de tanto trabalhar procurando pô-las em prática. Certo dia, disse-lhe um homem bem-intencionado: “Sabe qual é o seu problema, McArthur? O seu problema é que você é demasiado imaturo para fazer aquilo a que foi chamado por Deus e relegar o resto a segundo plano.” Isto o levou a prometer ao Senhor que passaria diariamente cinco a seis horas com a Palavra de Deus e que olvidaria grande parte das coisas de pouca monta. Disse ele ao contar sua experiência: “Quando isso começou a acontecer, passei a ver a realização de verdadeiros milagres.”

“Não Posso Dirigir Todas Essas Pessoas”

Durante a semana ele meditava sobre a Palavra de Deus, e então, aos domingos, derramava sobre o povo a mensagem que Deus pusera em seu coração. Pela primeira vez começou a ver as pessoas crescerem, e, à medida que iam crescendo, passaram a multiplicar-se.

É interessante notar que os ministros que hoje em dia tendem a rebaixar o poder ou a importância da pregação, em grande parte são os que há muito tempo abandonaram a pregação da Palavra, substituindo-a por filosofias de sua própria invenção, por questões sociais ou por dissertações intelectuais. É mediante a pregação da Palavra que é promovida a espiritualidade da congregação para que haja crescimento.

O Pastor McArthur descobriu que a pregação bíblica, “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos”, tornou-se um sistema de ensino reprodutivo. De re-

pena, vários ministérios começaram a desenvolver-se tão depressa que ele quase não conseguiu acompanhá-los. Os membros passaram a incumbir-se de que as coisas fossem realizadas. Um viu a necessidade de um ministério de gravações em fita. Outros assumiram o encargo de organizar grupos de estudo da Bíblia e grupos de oração. O pastor não precisou iniciar nenhuma dessas atividades. Ele simplesmente alimentava as pessoas com a Palavra, e o Espírito Santo efetuava a motivação. Quando ele ia ao hospital visitar membros doentes, outros membros da igreja já se encontravam ali. Outros levavam gravações a pessoas retidas em casa. Alguns providenciaram um ônibus e começaram a trazer pessoas para a igreja. Os santos passaram a fazer a obra do ministério. Dentro de três anos, o número de membros se elevou de 500 para 3.000.

Antes disso, o Pastor McArthur passara grande parte de seu tempo preocupando-se com os assentos vazios e com o aumento estatístico. "Agora — diz ele — não peço que Deus me dê outras pessoas, pelo menos enquanto eu não tiver feito algo pelos que Ele já me deu. Fico intimidado quando vem tanta gente. Digo: 'Basta, Senhor! Não posso dirigir todas essas pessoas. Não sei o que está ocorrendo e se elas estão sendo, ou não, devidamente disciplinadas.'" E acrescenta: "Não estou interessado em ter tanta gente. Só estou interessado no que Deus está fazendo na vida daqueles que Ele já me deu."

"Nossa tarefa não é adotar um programa — salienta ele. — Não é entreter. Nem adotar fantásticas peças musicais. Nossa tarefa, em termos bem simples, é habilitar os santos para a obra do ministério."

Ficamos admirados de semelhante programa. Não é este o plano de Deus para toda igreja? Não é assim que será terminada a obra confiada ao Movimento do Advento? Isso aconteceu na Igreja da Cidade Panorama porque o pastor teve uma visão daquilo em que consiste a igreja e resolveu segui-lo pela graça de Deus.

Que tem isso que ver com o tamanho da igreja? Podemos ver que à medida que a igreja cresce, aumentam os perigos inerentes em sua administração. Mesmo sob a mais talentosa e dedicada liderança, e com o auxílio de consagrados obreiros voluntários devidamente adestrados, a tarefa de pastorear, nutrir e preparar adequadamente todos os membros se torna mais di-

Se a igreja está ou não cumprindo sua missão de acordo com o modelo do Novo Testamento depende em grande parte da natureza da nutrição e do preparo que têm sido dados.

ficil. A obra degenera facilmente numa organização formal, sem a intimidade pessoal que é tão essencial.

Procurando resumir o que foi dito, desejo sugerir o seguinte:

1. O ministério necessita de clara visão daquilo em que consiste a Igreja, de acordo com o plano do Novo Testamento.

2. Todo pastor deve reavaliar seu programa para ver se corresponde exatamente ao modelo dado por Deus, efetuando então o que for necessário para pô-lo em linha.

3. Quando uma igreja atinge o tamanho em que os membros individuais poderiam ser melhor nutridos e mais bem habilitados para o serviço se formassem uma nova congregação num território novo, deve-se dar esse passo, por mais traumático que seja.

4. Um importante fator que deve ser levado em conta ao tomar essa decisão, além do número de membros, é o da natureza da liderança proporcionada à nova congregação, quer ordenada ou leiga. A separação de uma igreja grande só para formar uma igreja pequena pode não ser uma vantagem em si. O ideal seria que a igreja-mãe continuasse a ter vívido interesse pessoal no novo empreendimento até que esteja bem amparado e também funcione de acordo com o plano do Novo Testamento.

5. Quando uma igreja possui cerca de 200 a 250 membros ativos, ela atingiu um nível de crescimento no qual pode funcionar com a máxima eficiência, e daí em diante deve pensar em promover uma congregação filial. Uma igreja desse tamanho é suficientemente grande para que todos os departamentos funcionem de modo eficiente. E é suficientemente pequena para proporcionar o íntimo companheirismo requerido pela participação de cada um dos membros. Além disso, organizar outra congregação terá a vantagem de colocar uma igreja adventista numa nova área geográfica que precisa ser alcançada com a mensagem.

Quando este conceito se apodera do coração dos pastores e dos membros, ele tende a eliminar a competição pelas estatísticas de maior vulto. Não haverá paixão por números. Antes, a preocupação será pelos membros: Como estão crescendo? Quão eficaz é o seu testemunho? À medida que a igreja for crescendo, essa solicitude pelos indivíduos levará a igreja a estimular os membros a se mudar para igrejas menores, onde possam ser mais úteis, ou a formar novas congregações, a fim de que

a obra avance mais depressa.

Finalmente, o resultado que é apresentado em Efésios 4:13-15: "Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo. . . Mas, seguindo a verdade em amor,

Importa salientar que o amadurecimento e a obra do ministério andam juntos.

cresçamos em tudo nAquele que é a cabeça, Cristo."

Seguindo este programa sugestivo, o pastor estará realmente efetuando a obra do "aperfeiçoamento dos santos", e estes farão a obra do ministério, o corpo será edificado e todos serão conduzidos à unidade pela qual Cristo orou.

A Importância do Culto e da Adoração

1. A Alma Humana Tem Sede de Deus

É indubitável que toda pessoa normal no âmbito intelectual, moral e espiritual sabe ou sente que o ser humano não deve sua existência ao acaso. Sabe e sente que existe um Ser superior, Criador de todas as coisas. Ao mesmo tempo, essas pessoas se sentem atraídas, consciente ou inconscientemente, para esse Ser superior que lhes inspira reverência, amor e o desejo de prestar-Lhe adoração.

Esses sentimentos inatos ao ser humano foram belamente expressos por Davi no Salmo 42. "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?"

Todo verdadeiro cristão participa dos sentimentos expressados pelo salmista e se une a ele quando disse: "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor." Iremos à casa de Deus para prestar-Lhe culto e adoração.

Falando certo dia com a samaritana, Jesus lhe disse: "Vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. . . Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade." S. João 4:23 e 24. Não é suficiente ir à casa de Deus, adorar a Deus e prestar-Lhe culto; é necessário que essa adoração e culto sejam oferecidos a Deus e sejam aceitos por Ele como a oferta de Abel, e não rejeitados como a de Caim.

2. Que é um Ato de Culto e Adoração?

Para poder adorar a Deus em espírito e em verdade é necessário ter clara idéia do que é um culto. O culto

Alfredo Aeschlimann

pode ser particular, familiar ou público. Quando é realizado com o devido espírito e em forma correta, o culto é uma entrevista com Deus. Quando não é particular ou familiar, geralmente constitui um serviço ou reunião de um grupo de cristãos celebrado num lugar destinado para isso, como uma capela, um templo, etc.

O Dicionário da Bíblia de W. W. Rand, ao explicar o que é o culto declara o seguinte: "Reverência suprema que só é devida a Deus. Inclui adoração, louvor, ações de graça, confissão do pecado, imploração de graça e a consideração da vontade divina."

O Dicionário Bíblico Adventista faz o seguinte comentário sobre a palavra "culto": "A atitude de humildade, reverência, honra, devoção e adoração que caracteriza apropriadamente a relação dos seres criados com seu Criador, especialmente em Sua presença."

Resumindo, podemos dizer que um ato de culto é uma reunião dedicada à adoração e ao louvor a Deus mediante o canto e testemunhos pessoais dos fiéis. É uma ocasião para falar com Deus por meio da oração e de ouvir a Deus pela exposição de Sua Palavra e pelas impressões do Espírito Santo. É uma oportunidade de estar em comunhão com Deus e dos fiéis entre si. É um meio para promover o crescimento espiritual.

3. A Importância do Culto

O que foi exposto nos pontos anteriores é suficiente para compreendermos a grande importância que a adoração e o culto têm para os filhos de Deus.

A importância do culto se baseia em nossa grande necessidade. O ser humano precisa estar em comunhão com o seu Criador; precisa abrir o coração

Culto e Adoração

a Deus em oração. Precisa ouvir a voz de Deus pela exposição da Palavra. O cristão necessita do companheirismo de Cristo, O qual disse: "Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles." S. Mat. 18:20.

É importante que dediquemos todos os dias algum tempo para o culto pessoal e particular. É necessário dedicar também de manhã e à tarde algum tempo ao culto familiar. É mister ir à casa de Deus e participar no culto coletivo ou público. Ao estudar a Bíblia e os escritos de Ellen G. White, torna-se claro que estas três espécies de culto são importantes e necessárias para o crescimento espiritual, embora neste trabalho, por falta de espaço, façamos principalmente alusão ao culto público.

Como cristãos devemos dar tanta importância aos cultos que consideremos um privilégio e de certo modo também um dever ir à casa de Deus para adorá-Lo. Por isso disse Davi: "Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou. Ele é o nosso Deus, e nós povo do Seu pasto, e ovelhas da Sua mão." Sal. 95:6 e 7. Por isso Deus disse por boca de Joel: "Tocai a trombeta em Sião, proclamai um santo jejum, proclamai uma assembléia solene. Congregai o povo, santificai a congregação." Joel 2:15 e 16. Por isso Sofonias acrescenta: "Concentra-te e examina-te. . . Buscai o Senhor vós todos os mansos da Terra." Sof. 2:1 e 3.

Do mesmo modo que uma brasa que está só, se apaga, também o cristão que não assiste aos cultos da igreja se esfria e acaba se apagando espiritualmente. Por isso o apóstolo Paulo aconselha: "Não abandonemos a nossa própria congregação, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima." Heb. 10:25.

4. Os Aspectos Físicos e sua Relação com o Culto

Ao considerar a dignificação do culto não podemos passar por alto certos aspectos físicos que favorecem ou desfavorecem os serviços de adoração. O tabernáculo no deserto era simples mas belo. O Templo de Salomão é considerado por muitos como uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Tendo em conta a importância dos cultos, devemos instalar nossos templos e capelas em lugares tranquilos, respeitáveis e, se possível, bonitos. Nossas casas de culto podem ser simples, mas devem ser bem acabadas e bem cuida-

É lamentável que muitas vezes a atitude e a conduta dos dirigentes do culto diminuam a reverência e a dignidade dos serviços de adoração.

das. Devem ser pintadas de cores apropriadas. O mobiliário, como o púlpito, os bancos e as cadeiras, deve estar em boas condições. Sempre deve haver ordem e escrupuloso asseio em tudo.

É necessário prestar atenção às salas auxiliares, à sala pastoral, ao batistério, aos jardins, aos pátios e também aos serviços higiênicos. Deve haver utensílios adequados para os serviços especiais, como batismos, Ceia do Senhor e Cerimônia da Humildade. Os adornos devem ser bem feitos e a tempo. Tudo que se relaciona com a casa de Deus tem que ver direta ou indiretamente com os cultos e por isso é necessário prestar-lhe cuidadosa atenção.

"Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembléia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 193.

"Felizes os que possuem um santuário, luxuoso ou modesto, seja no meio de uma cidade ou entre as cavernas das montanhas, no humilde aposento particular ou nalgum deserto. Se for esse o melhor lugar que lhes é dado arranjar para esse fim, Deus o santificará pela Sua presença e será santidade ao Senhor dos exércitos." — *Idem*, pág. 194.

5. Algumas Regras Básicas do Culto

O culto a Deus sempre teve suas regras de ordem e reverência. Desde o princípio houve instruções sobre o culto em volta dos altares. Durante a dispensação levítica havia instruções acerca da construção do tabernáculo. Havia regras a respeito do sacerdócio e dos diversos serviços e sacrifícios. "Deus deu a Seu povo na antigüidade regras precisas e exatas sobre ordem." — *Idem*, pág. 198.

Era necessário levar a sério as regras no culto levítico. Nem todos podiam fazer todas as coisas. Nem todos podiam entrar em qualquer parte do santuário nem tomar nas mãos qualquer objeto do santuário. A transgressão das regras do culto era punida severamente, como é evidente nos seguintes casos: Nadabe e Abiú, que morreram no santuário; Coré, Datã e Abirã e seu grupo, que foram tragados pela terra; a tragédia de Bete-Semes e a triste sorte de Uzá.

Hoje em dia o culto e a adoração também devem ter suas regras que é necessário observar se queremos a aprovação e as bênçãos de Deus. "Não conviria lermos as instruções que Deus mesmo Se dignou dar aos antigos hebreus para que nós, que temos a verdade gloriosa irradiando sobre nós, os imitemos em sua reverência para com a casa de Deus?" — *Ibidem*.

"Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira do culto. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino, deve ser tratado com negligência ou indiferença." — *Idem*, pág. 193. Por falta de espaço, mencionaremos somente duas regras básicas que devem reger todo culto de adoração: *Ordem e Reverência*.

Deve haver ordem: A instrução de Paulo é clara: "Tudo . . . seja feito com decência e ordem." I Cor. 14:40. Declara a serva do Senhor: "Os que receberam a unção do Céu, em todos os seus esforços acoroçoarão a ordem, a disciplina e unidade de ação, e então os anjos de Deus poderão cooperar com eles. Mas nunca, jamais estes mensageiros celestes sancionarão a irregularidade, a desorganização e a desordem." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 28.

Em muitos de nossos cultos é necessário melhorar o planejamento, a programação, a organização, a disciplina e a ordem.

Deve haver reverência: Nossos cultos são um encontro com Deus e os santos anjos. O Senhor está presente na pessoa de Seu representante, o Espírito Santo. Com quanta reverência e santo temor deveríamos ir à presença de Deus! Lemos em Habacuque 2:20: "O Senhor . . . está no Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a Terra." Além disso, o sábio Salomão faz a seguinte recomendação: "Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus; chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos." Ecl. 5:1. Ao ir adorar na casa de Deus devemos lembrar-nos do que Deus disse a Moisés junto à sarça ardente: "Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa." Êxo. 3:5.

Notemos algumas declarações do Espírito de Profecia acerca da reverência na casa de Deus e nos cultos: "Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência. . . . [Algumas vezes] são os moços e as moças que revelam tão pouco respeito pela casa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação. . . . É um fato deplorável que a reverência pela casa de Deus es-

Parte importantíssima do culto é a oração. De preferência, a oração deve ser feita de joelhos. Davi se achava inspirado quando disse: "Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou." Sal. 95:6.

teja quase extinta. As coisas e lugares sagrados já se não discernem; as coisas santas e elevadas não são apreciadas. . . . Quase todos precisam ser ensinados como se portar na casa de oração. Os pais devem não só ensinar, como exortar os filhos a entrarem no santuário divino com seriedade e reverência. . . . [As crianças] são muitas vezes encontradas em grupos, afastadas dos pais que deviam tomar conta delas; e embora se encontrem na presença de Deus, cujos olhos sobre elas repousam, põem-se a cochichar e a rir, portando-se inconvenientemente, e mostrando-se desrespeitosas e desatentas. . . . Por causa de sua irreverência na atitude, no traje, e comportamento, e sua falta de verdadeiro espírito de devoção, Deus muitas vezes tem afastado Seu rosto dos que se achavam reunidos para o culto." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 195-201.

6. Os Dirigentes e Participantes do Culto

Quem são os dirigentes dos cultos? São os pastores e pregadores; os anciãos, diáconos, os diretores de Atividades Leigas, Escola Sabatina, Sociedade MV e toda pessoa que sobe à plataforma para desempenhar alguma parte de um culto.

É lamentável que muitas vezes a atitude e a conduta dos dirigentes do culto diminuam a reverência e a dignidade dos serviços de adoração. Deve-se cuidar com toda a seriedade para que a apresentação pessoal dos que dirigem alguma parte de um culto seja correta em todo o sentido. Isto se aplica aos pastores, aos oficiais de igreja e, talvez de modo especial, às moças e senhoras que sobem ao estrado e se apresentam diante da congregação. Um culto não é uma ocasião para exibir as modas mundanas inventadas pelo inimigo de Deus.

A atuação dos que dirigem um culto sempre deve ser repassada de dignidade. Eles devem sentar-se corretamente, evitar movimentos desnecessários, falar somente o que for necessário e não exceder-se no uso de suas atribuições. Devem cuidar de que todo o culto esteja rodeado de uma atmosfera de reverência, solenidade e santidade. Devem cuidar também de que os membros de suas famílias dêem um bom exemplo.

Os dirigentes de culto têm igualmente o dever de ensinar toda a congregação a adorar em espírito e em verdade. Deve-se ensinar aos participan-

tes a necessidade de se prepararem para os cultos. Essa preparação deve ser material ou exterior e, sobretudo, espiritual ou interior. Também se deve ensinar a pontualidade na assistência aos cultos e a atitude correta ao entrar na casa de Deus. Não olvidar de ensinar que para que haja verdadeiro culto deve haver fervorosa participação de todos os adoradores.

“Quando os crentes penetram na casa de culto, devem guardar a devida compostura e tomar silenciosamente seu lugar. . . . Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à devoção e meditação silenciosa, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial. . . . O ministro deve entrar na casa de oração com uma compostura digna e solene. Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em silenciosa oração e pedir fervorosamente a assistência de Deus. . . . Ao ser aberta a reunião com oração, cada qual deve ajoelhar-se na presença do Altíssimo e elevar o coração a Deus em silenciosa devoção. . . . Quando a Palavra é exposta, deveis lembrar-vos, irmãos, de que é a voz de Deus que vos está falando por meio de Seu servo. Escutai com atenção.” — *Idem*, págs. 194 e 195.

7. Os Elementos Essenciais do Culto

Os elementos essenciais ou partes principais de um culto são geralmente quatro e às vezes cinco: O Louvor, a Oração, as Ofertas, a Exposição da Palavra e, muitas vezes, a Resposta da Congregação, ou seja, Testemunhos. Faremos um breve comentário destes elementos.

O Louvor. É nosso privilégio tributar louvor a nosso Deus. Os meios de louvor são principalmente o canto e a música. O órgão é o instrumento mais apropriado para a igreja. O piano também é aceitável, mas devemos ter cuidado com o uso de outras espécies de instrumentos, especialmente aqueles que se relacionam com a música mundana, superficial, rítmica e até sensual, que está tão em voga em nossos dias. A pessoa que toca o instrumento deve aprender a acompanhar e não necessariamente a dirigir o canto da congregação.

Acerca do canto, cumpre mencionar que sempre devem ser escolhidos hinos adequados à ocasião e ao assunto que será apresentado no culto. O culto não é uma aula de canto, por isso devem ser escolhidos hinos conhecidos

Contribuem para a ineficácia e para a diminuição da dignidade dos cultos os sermões mal escolhidos, mal preparados, pobremente pregados e irreverentes pela inclusão de anedotas e ilustrações frívolas ou chistosas.

pela maioria dos adoradores. É mister, no entanto, ensiná-los a cantar com entendimento, sentimento e reverência, em harmonia com o que disse Paulo: “Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente.” I Cor. 14:15. Se houver diretores de música e de canto, estes devem ser pessoas que realmente saibam dirigir, pois do contrário é melhor não tê-los. Se os houver, devem estar a serviço do pregador.

Para os cultos, o canto congregacional é o mais indicado. Por outro lado, reconhecemos que um bom coral pode proporcionar uma boa contribuição para o culto se atua em consulta com o pregador, se ocupa seu lugar na hora indicada e se não ocasiona perda de tempo. Cumpre ter cuidado com o que se chama às vezes de “cantos especiais”. Esses cantos devem ser adequados ao assunto apresentado pelo pregador, e os cantores devem ser pessoas de reconhecida consagração, que tenham um porte pessoal de acordo com as normas da igreja e que cantem para glória de Deus e benefício espiritual da congregação.

“Quando os seres humanos cantam com o espírito e o entendimento, os músicos celestiais apanham a harmonia, e unem-se ao cântico de ações de graças. . . . [Deus] espera que Seus servos cultivem sua voz, de modo que possam falar e cantar de maneira compreensível a todos. Não é o cantar forte que é necessário, mas a entoação clara, a pronúncia correta, e a perfeita enunciação. Que todos dediquem tempo para cultivar a voz, de maneira que o louvor de Deus seja entoado em tons claros e brandos, não com asperezas que ofendam ao ouvido.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 357.

A Oração: Parte importantíssima do culto é a oração. De preferência, a oração deve ser feita de joelhos. Davi se achava inspirado quando disse: “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhem-se diante do Senhor que nos criou.” Sal. 95.6. A pessoa que profere a oração deve ser cuidadosamente escolhida. A oração deve ser adequada à ocasião. Não deve incluir assuntos pessoais, nem constituir uma prédica a Deus ou à congregação. A oração pública, em geral, deve ser curta e proferida em voz alta para que todos possam ouvi-la e unir-se-lhe em espírito. Assim como Cristo ensinou Seus discípulos a orar, convém que o pastor ensine a seus colaboradores como devem ser as orações no culto público.

Notemos os seguintes comentários da pena inspirada sobre as orações nos cultos: "Que os ministros e todos os que fazem oração pública aprendam a fazê-lo de maneira que Deus seja glorificado, e os ouvintes abençoados." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 89.

"A oração feita em público deve ser breve, e ir diretamente ao ponto. Deus não requer que tornemos fastidioso o período de culto, mediante longas petições. . . . Há muitas orações enfadonhas, que parecem mais uma preleção feita ao Senhor, do que o apresentar-Lhe um pedido. . . . Não se exigem orações verbosas, com caráter de sermão, e que são fora de lugar em público. Uma oração breve, feita com fervor e fé, abrandará o coração dos ouvintes." — *Idem*, págs. 175-179.

"Tenho visto que a confusão . . . desagrada [ao Senhor], e que deve haver ordem no orar e também no cantar. Não devemos chegar à casa de Deus para orar por nossa família, a menos que um profundo sentimento a isto nos induza, enquanto o Espírito de Deus a está convencendo. . . . Quando na casa de Deus, devemos orar por uma bênção presente, e esperar que Ele nos ouça e atenda às petições." — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 44 e 45. Uma de nossas petições deveria ser: "Senhor, ensina-nos a orar."

As Ofertas: O momento em que entregamos nossos dízimos e ofertas a Deus também constitui uma parte integrante do culto. Desde o princípio, o ato de dar, oferecer e sacrificar tem estado relacionado com o culto. Em Israel, as ofertas ou sacrifícios eram muitas vezes o próprio centro dos serviços de adoração.

Devolver a Deus algo do que Ele nos tem dado é ou deve ser também uma parte do culto na atualidade. Constitui uma expressão tangível de nosso amor e gratidão a Deus. Ao prover meios para a pregação do evangelho demonstramos que temos interesse na salvação de outros. O que Davi disse em seus dias também se destina a nós no tempo presente: "Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome; trazei ofertas, e entrai nos Seus átrios. Adorai ao Senhor na beleza de Sua santidade." Sal. 96:8 e 9.

Não devemos olvidar, porém, que esta parte do culto deve ser efetuada com ordem, reverência e solenidade. Não deve haver delongas nem perda de tempo. Deve haver pessoas suficientes para recolher as ofertas, e todas devem estar vestidas de modo apropriado. Nas igrejas grandes, é melhor

Recomendamos que com renovada seriedade se preste atenção a tudo que se relaciona com a reverência. Que periodicamente se fale sobre este tema, a fim de instruir os membros sobre um assunto tão vital.

fazer a oração antes de recolher as ofertas, e nas igrejas pequenas, depois.

A Exposição da Palavra: A parte central do culto é a exposição da Palavra de Deus. Aquele que a expõe é e deve ser considerado um porta-voz de Deus, e a mensagem apresentada deve ser aceita como uma mensagem do Senhor. Toda exposição da Palavra, todo sermão pregado num culto, deve ser uma mensagem de Deus que supre alguma necessidade humana.

O pastor ou a pessoa encarregada de fazer a exposição da Palavra deve sempre preparar cabalmente sua mensagem por meio da oração, do estudo e da meditação. Seria uma falta grave apresentar-se perante a grei sem haver preparado devidamente o tema a ser apresentado. Muitas vezes Deus é desonrado e o culto perde grande parte de sua solenidade, dignidade e eficácia devido a sermões mal preparados e mal apresentados. É necessário melhorar consideravelmente este aspecto do culto.

Notemos algumas declarações da pena inspirada sobre a exposição da Palavra nos cultos: "Sejam os discursos curtos, espirituais e elevados. . . . Saiba cada homem que vai ao púlpito que tem anjos do Céu em seu auditório." — *Testemunhos Para Ministros*, págs. 337 e 338. "Falai pouco. Vossos discursos geralmente têm o dobro do que deviam ter." — *Idem*, pág. 311. "Falai pouco, e criareis o interesse de ouvir muitas vezes." — *Idem*, pág. 258.

Acima de tudo, a exposição da Palavra deve caracterizar-se pela solenidade e reverência. Disse a serva do Senhor: "Tenho ouvido alguns ministros falarem acerca da vida e ensinos de Cristo de maneira comum. . . . Os ministros não se devem habituar a relatar anedotas inoportunas em conexão com seus sermões. . . . A narração de anedotas ou incidentes que produzem hilaridade, ou um pensamento leve no espírito dos ouvintes, é severamente censurável. A verdade deve ser revestida de linguagem casta e digna." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 165 e 166.

A Resposta da Congregação — *Testemunhos*: A serva do Senhor menciona outro elemento do culto ao qual estamos dando muito pouca atenção. É a resposta dos fiéis à mensagem apresentada; dar oportunidade para *testemunhos*. Lemos:

"Aquele que é designado para dirigir cultos aos sábados, deve estudar a maneira de interessar os ouvintes nas verdades da Palavra. Não convém que

faça sempre tão longos discursos que não haja oportunidade para os presentes confessarem a Cristo. O sermão deve ser, freqüentemente, breve, a fim de o povo exprimir seu reconhecimento para com Deus. Ofertas de gratidão glorificam o nome do Senhor. Em cada assembléia dos santos, anjos de Deus escutam o louvor rendido a Jeová em testemunhos, canto e oração.

"A reunião de oração e testemunhos, deve ser um período de especial auxílio e animação. Todos devem sentir que é um privilégio tomar parte nela. Que todos os que confessam a Cristo tenham alguma coisa para dizer na reunião de testemunhos. Estes devem ser curtos, e de molde a servir de auxílio aos outros." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 171.

8. Problemas que Atentam Contra a Dignidade e a Eficácia do Culto

De modo sucinto mencionaremos alguns problemas ou práticas que temos observado e que, em nossa opinião, atentam contra a dignidade e a eficácia dos cultos. Felizmente, há igrejas nas quais os cultos são quase "modelos", mas em muitos lugares há uma ou várias das faltas referidas a seguir:

Falta de Assistência e Pontualidade: A falta de assistência ocorre especialmente na Escola Sabatina, na reunião de oração, nas reuniões evangelísticas e em menor grau no Culto Divino, aos sábados. Algo parecido se pode dizer da falta de pontualidade, com a agravante de que muitas vezes as pessoas responsáveis pelos cultos também não são pontuais, começando as reuniões com cinco a dez minutos de atraso.

Irreverência: Este é provavelmente um dos maiores problemas, e se manifesta nas seguintes formas: Há os que permanecem do lado de fora, conversando durante o culto. Há conversas e cochichos dentro do templo. Alguns lêem, ou adotam uma atitude de indiferença. Um dos problemas mais sérios é a desordem das crianças que não são controladas pelos pais.

Atrasos Para Começar: Estes atrasos, especialmente no culto do sábado, são às vezes ocasionados porque os pormenores do programa não foram preparados a tempo, porque as pessoas que devem acompanhar o pregador não estão prontas e, amiúde, porque o coral demora cinco a dez minutos para se apresentar, causando ansiedade, nervosismo e até impaciência.

Aparência Pessoal Inconveniente: Às vezes sobem à plataforma pessoas com

Sejam tomadas medidas decisivas para ensinar reverência às crianças, controlando seu comportamento na igreja, pedindo que os pais ponham seus filhinhos a seu lado e que não lhes permitam sentar-se em grupos sem controle.

um aspecto pessoal impróprio, que distrai a atenção e desvia as mentes. Alguns se apresentam com vestimentas de feio e cores inadequadas ao pulpito; com estilos de cabelo, tanto nos homens como nas mulheres, completamente exagerados, e, às vezes, algumas moças e senhoras vão à frente com vestidos demasiado curtos e berchantes.

Excesso de Anúncios: Este é um sério problema em muitas igrejas. Com freqüência, gasta-se precioso tempo para fazer uma série de anúncios desnecessários, de pouca importância, demasiadamente longos, inoportunos ou malfeitos.

Excesso de Preliminares: Outro sério problema são os numerosos preliminares no Culto Divino, aos sábados. Por preliminares entendemos entre outras coisas o seguinte: Longos anúncios já mencionados, cartas de transferência e exclusão de membros, dedicação de crianças, longas apresentações de visitantes, promoções diversas, demasiado tempo para recolher os dízimos e as ofertas, etc. Há igrejas que incluem no programa do Culto Divino os chamados "Dez Minutos Missionários", que às vezes se prolongam bastante.

Temos estado em reuniões nas quais o pregador só pôde começar o seu sermão quando já haviam decorrido 20, 30, 40 e até 50 minutos após o início do culto!

Música e Cânticos que não são Apropriados: Outro fator que incide consideravelmente sobre a eficácia dos cultos é a música e o canto. Muitas vezes, os hinos cantados não se harmonizam com o assunto do sermão, nem no começo nem no fim. Outro tanto se dá com os hinos apresentados pelo coral e principalmente com os chamados "cânticos especiais". O pregador não é consultado, e, como resultado, esses cânticos não preparam a congregação para o sermão, nem reforçam a mensagem apresentada. Antes distraem ou afastam a mente do assunto do sermão. Este problema se agrava quando há pessoas na plataforma que cantam com um traje pessoal questionável.

Os Sermões em Si: Contribuem para a ineficácia e para a diminuição da dignidade dos cultos os sermões mal escolhidos, mal preparados, pobremente pregados e irreverentes pela inclusão de anedotas e ilustrações frívolas ou chistosas. Quando os sermões são demasiado longos, o problema se agrava, pois tal espécie de sermão cansa o pregador, os ouvintes e os anjos.

As Orações Públicas: Embora pareça

raro, muitas vezes as orações proferidas não ajudam o culto a ser o que deve. Às vezes não se escolhe a pessoa adequada para orar. As orações são longas, inadequadas e se assemelham a discursos. "Abrangem toda uma série de necessidades que não têm relação com o momento ou com as precisões do povo." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 61. São tediosas e formais.

Comentários no Final da Reunião: Às vezes, depois do sermão, são feitos comentários ou anúncios, ou é recolhida uma oferta. Tudo isso tende a apagar as impressões produzidas pela mensagem e pelo Espírito Santo.

Atividades Depois do Culto: Toda atividade realizada imediatamente após o culto tende a diminuir ou a obliterar o efeito produzido, embora essas atividades sejam boas em si, como por exemplo: reuniões de alguma comissão, classes batismais, ensaios do coral ou cânticos especiais, e, via de regra, mesmo grupos de oração, a menos que se ore por um assunto especial mencionado no sermão.

Testemunhos Muito Longos: Outro problema nos cultos de oração às vezes tem que ver com os testemunhos muito longos e fora de lugar. "Os que são confiados e sempre prontos a falar, tomam a liberdade de sacrificar o testemunho dos tímidos e retraídos. Os mais superficiais têm, geralmente, mais a dizer." — *Idem*, vol. 1, pág. 457.

Esta lista de problemas que atentam contra a dignidade e a eficácia dos cultos não é limitativa, mas apenas exemplificativa.

9. O Programa do Culto

Reiteradas vezes temos chegado à conclusão de que para haver um culto digno, reverente e eficaz, o melhor é ter um programa simples e livre de ritualismo. A seguir daremos um programa com essas características:

- 1) Prelúdio do piano, órgão ou coral.
- 2) Entram os dirigentes do culto e se prostram em oração silenciosa.
- 3) A congregação canta a doxologia (em pé).
- 4) O pregador faz uma breve invocação. (Não uma longa oração.)
- 5) São recolhidos os dízimos e as ofertas, orando antes ou depois.
- 6) Canta-se o hino de abertura.
- 7) Leitura bíblica relacionada com o assunto do sermão.
- 8) Oração pastoral, implorando a bênção sobre o culto, os ouvintes e o pregador.

Deve-se cuidar com toda a seriedade para que a apresentação pessoal dos que dirigem alguma parte de um culto seja correta em todo o sentido.

9) Hino, coral ou hino especial adequado ao assunto do sermão.

10) Sermão, não muito longo.

11) Hino final relacionado com o assunto.

12) Bênção final. (Não uma longa oração.)

Presume-se que os minutos missionários, as promoções, os anúncios, a dedicação de crianças, etc., tenham sido efetuados antes de iniciar-se o Culto Divino: na Escola Sabatina, ao terminar a Escola Sabatina ou no breve intervalo antes de começar o Culto Divino.

Conclusão e Recomendações

É evidente que, como dirigentes, pastores, oficiais de igreja e membros em geral, temos muito que aprender e bastante que corrigir para que nossos cultos se desenvolvam em tudo para glória de Deus e para edificação espiritual da igreja. Temos de estudar e meditar muito para aprender a adorar a Deus "em espírito e em verdade", como apraz ao Senhor. Em conclusão, faremos algumas recomendações a serem consideradas pelas pessoas envolvidas:

1. Recomendamos que em lugares e ocasiões apropriados se estude a lista de problemas mencionados na seção 8 deste trabalho e que se dêem os passos necessários para corrigir o que não está certo em nossos cultos, com base nas instruções da Bíblia, dos Testemunhos e das normas de nossa Igreja.

2. Recomendamos que nossos pastores e igrejas adotem um programa simples, especialmente para o culto do sábado, desligando-o dos preliminares mencionados como um dos problemas e dedicando-o inteiramente ao louvor, à oração, ao estudo da Palavra e, ocasionalmente, à resposta da congregação em forma de breves testemunhos.

3. Para efetuar o que foi declarado no ponto anterior, recomendamos que a dedicação de crianças seja incluída no programa da Escola Sabatina, que os minutos missionários ocorram após a Escola Sabatina, que as promoções sejam feitas durante os minutos missionários e que se imprimam os anúncios num boletim da igreja ou sejam apresentados antes do início do Culto Divino.

4. Recomendamos que com renovação de seriedade se preste atenção a tudo que se relaciona com a reverência. Que periodicamente se fale sobre este tema, a fim de instruir os membros sobre um assunto tão vital. Sejam tomadas me-

didadas decisivas para ensinar reverência às crianças, controlando seu comportamento na igreja, pedindo que os pais ponham seus filhinhos a seu lado e que não lhes permitam sentar-se em grupos sem controle.

5. Recomendamos que um conjunto apropriado de pessoas estude a atitude correta durante a oração nos cultos, tomando como base o trabalho sobre este tema preparado pelo Pastor Edner Corbier, do Seminário Adventista do Haiti, e que depois se dê a instrução adequada aos pastores e às igrejas, pelos canais apropriados.

6. Recomendamos que se dê a devida consideração às instruções do Espírito de Profecia acerca da extensão dos sermões e ao conselho de que mesmo no culto do sábado os irmãos tenham de vez em quando a oportunidade de dar breves testemunhos. Recomendamos também que se retorne à prática de deixar mais tempo nas reuniões de oração para a oração e os testemunhos pessoais.

7. Recomendamos que quando são feitos os projetos de nossos templos e capelas sejam levados em conta todos os fatores que incidem sobre a possibilidade de celebrar cultos agradáveis e reverentes e que se retorne ao plano de ter duas plataformas, sendo a principal utilizada exclusivamente para a pregação da Palavra e que os demais serviços, como a Escola Sabatina, a Sociedade de Jovens, etc., sejam dirigidos da segunda plataforma.

8. Recomendamos que em nossos colégios e seminários se dê mais instrução teórica e prática, principalmente aos estudantes de Teologia, sobre como dirigir os cultos e os diversos serviços e ritos da igreja, e que em nossos colégios se siga um programa de culto geralmente aceito pelos Campos aos quais serve o colégio.

Recomendamos que se adore a Deus em espírito e em verdade, e que tudo seja feito com decência e ordem.

9. Recomendamos também que nos concílios ministeriais e nas reuniões de obreiros seja dada mais instrução sobre a forma de programar e dirigir os cultos e os diversos serviços e ritos da igreja.

10. Recomendamos que sejam escolhidas com sumo cuidado as pessoas que acompanham o pregador ao púlpito ou que de algum modo tomam parte no programa. Elas devem ser conhecidas por sua fidelidade e consagração, respeitar as normas da igreja e ser cuidadosas em sua apresentação pessoal.

11. Recomendamos que se tenha em mente que o canto e a música constituem uma parte integrante do culto, devendo portanto harmonizar-se com a mensagem da ocasião. Que os cânticos apresentados pelo coral ou outros grupos ou pessoas sejam levados ao conhecimento do pregador da hora e que toda música ou cântico que não contribua para alcançar o propósito da reunião, seja excluído do programa desse culto em particular.

12. Recomendamos que, além do sugerido no ponto 5 destas recomendações, as pessoas correspondentes sejam instruídas quanto à maneira de fazer as diversas orações no culto, de acordo com a Palavra de Deus e o Espírito de Profecia. Que a invocação seja simplesmente o que significa essa palavra. Que a oração sobre os dízimos e as ofertas se limite a dar graças pelas dádivas de Deus e a pedir a bênção sobre o que é devolvido ao Senhor.

Que a oração pastoral (a principal) seja dedicada a pedir uma bênção geral sobre a congregação e uma bênção especial para o pregador, e a presença do Espírito Santo.

13. Recomendamos que se adore a Deus em espírito e em verdade, e que tudo seja feito com decência e ordem.

Salvação Agora

Há alguns anos tive o privilégio de conduzir uma Semana de Oração em um de nossos colégios. Esta feliz oportunidade me permitiu o ensejo de orar com centenas de estudantes e dialogar com eles sobre os grandes temas da fé. Surpreendi-me, entretanto, ao descobrir em quase todos uma perturbadora insegurança no tocante à salvação. Com

Enoch de Oliveira
Presidente da
Divisão
Sul-Americana

Artigos Gerais

freqüência ouvia declarações como estas: "Espero ser salvo", "Desejo ser salvo", "Estou fazendo tudo para ser salvo".

Embora fiéis e sinceros, falavam mais de suas angústias e aflições, que de seu júbilo e alegria em Cristo. Perturbava-os a dúvida e a incerteza. Perple-

xos interrogavam: "Como podemos estar seguros da salvação?"

O Espírito de Profecia nos exorta a não dizer: "Estou salvo", como fazem os evangélicos de formação calvinista. "Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso. Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé, mas mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita, não estamos fora do alcance da tentação." — *Parábolas de Jesus*, pág. 155.

Entretanto, no livro *Testemunhos Para Ministros*, encontramos o seguinte conselho: "Que ninguém deixe sua segurança para a eternidade depender do acaso. Não deixeis que o assunto permaneça em perigosa incerteza. Perguntai-vos sinceramente: Estou eu entre os salvos, ou entre os que não estão salvos?" Pág. 443.

Ao interrogarmos a nós mesmos: "Estou entre os salvos ou entre os perdidos?", que responderemos? Estamos acaso nesta "perigosa incerteza"? Comentando o Salmo 34, versículos 12 a 15, disse a Mensageira do Senhor: "A segurança da aprovação de Deus promoverá a saúde física, fortalecerá a alma contra a dúvida e a excessiva aflição, que tão freqüentemente minam as forças vitais, gerando enfermidades nervosas que afligem e debilitam." — *SDA Bible Commentary*, vol. 3, pág. 1.146.

Eis, pois, ao nosso alcance um remédio infalível contra as enfermidades, a dúvida e a aflição: a certeza da salvação agora.

A Razão da Incerteza

Em primeiro lugar, a insegurança no tocante à eternidade pode ter como causa um sentimento de culpa. Transgressões não confessadas, pecados acariciados que destroem a paz interior, e produzem ansiedades e incerteza. Temos, porém, a consoladora promessa: "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." I S. João 1:9.

O senso de insuficiência, a incapacidade para ajustar-nos às normas e padrões divinos, a discrepância existente em nós, entre a realidade e o ideal, geram um profundo sentimento de indignidade. Oh! quão importante é a mensagem da justificação pela fé! A justiça de Cristo supre as nossas deficiências.

Essa incerteza pode ainda ter como

A salvação como um evento transcorrido descansa sobre a obra que Cristo consumou na cruz (S. João 17:4; 19:30); a alma crente contempla o passado quando pela fé aceitou o sacrifício vicário de Cristo.

origem a incompreensão da diferença entre tentação e pecado. A presença íntima de tendências pecaminosas e impulsos inconfessáveis leva alguns a repetir, em angústia, as palavras de Paulo: "Miserável homem que sou!" Rom. 7:24: Estes, porém, se olvidam de que o mesmo evangelista, em outra ocasião, exclamou triunfante: "Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo." I Cor. 15:57.

Outra razão que produz a incerteza da salvação é a incapacidade de compreender o caráter de Deus e o Seu plano redentor. Quantos há que imaginam a Deus como um fiscal severo e inclemente, ávido por encontrar em nós falhas e deméritos que nos desqualifiquem a um lugar em Seu reino!

Podemos Ter Certeza?

Na teologia paulina o conceito bíblico de salvação se desdobra em forma progressiva. Quando o apóstolo escreveu sobre a salvação, ele o fez em três tempos: a salvação como um evento *passado*, uma experiência *presente* e uma esperança *futura*. "Ele nos salvou". Tito 3:5; "Somos salvos." Rom. 8:24; "Seremos salvos." Rom. 5:9. Esses três aspectos da salvação estão sintetizados em Romanos 5, versículo 1 e 2: "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus."

Ao reflexionar sobre o plano da salvação, o apóstolo Paulo dirige o seu pensamento ao *passado*, quando através da justificação o crente recebeu o perdão de Deus em Cristo e foi liberado das culpas do pecado; desfruta no *presente* o gozo da experiência cristã — "esta graça, na qual estamos firmes", liberando-nos do poder do pecado; e antecipa o *futuro*, quando será liberado da presença do pecado, e a glória de Deus se verá em seu resplendor.

A salvação como um evento transcorrido descansa sobre a obra que Cristo consumou na cruz (S. João 17:4; 19:30); a alma crente contempla o passado quando pela fé aceitou o sacrifício vicário de Cristo. Este conceito de salvação como evento *passado* é o que chamamos de justificação.

Havendo alcançado o perdão, a salvação passa a ser uma experiência *presente*. Usando a alegoria de John Bunyan, em seu conhecido livro *O Peregrino*, a justificação é a porta que per-

mite o acesso ao caminho que conduz à cidade celestial. Este caminho na terminologia bíblica é conhecido como a santificação. O crente, galvanizado pelo poder divino, caminha por esta estrada ascendente — o caminho da experiência cristã. Nesta experiência presente a graça santificadora de Deus opera no coração dos que “estão sendo salvos” (I Cor. 15:2), produzindo os frutos sazonados do Espírito.

Ao contemplar a salvação como uma experiência futura, a glorificação, o crente conserva a fé centrada no Único que pode conduzi-lo à vitória: Cristo Jesus. Anima-o a certeza de que Ele “Se manifestará uma segunda vez, . . . para salvação daqueles que O esperam” (Heb. 9:28).

“Eu Sei em Quem Tenho Crido”

Nas veneráveis páginas da Bíblia, encontramos a narrativa da segunda prisão de Paulo, o evangelista das nações.

Nero, o déspota romano, descarregava toda a ira de seu satânico coração contra a igreja cristã. Milhares de cristãos eram levados constantemente às arenas dos anfiteatros de Roma, onde eram devorados por feras famintas, diante de milhares de delirantes espectadores.

Paulo se encontrava na prisão martiriana, manietado com pesadas cadeias. Era um homem encanecido, debilitado pelos sofrimentos e árduos trabalhos de uma longa jornada. Sabia que se aproximava o dia de seu martírio.

Porém, empregando uma ilustração que ele mesmo usou em outra ocasião, podemos dizer que o homem exterior se havia gastado, mas o interior se havia rejuvenescido. Estava cheio de vigor espiritual.

No recesso daquela escura enxovia,

Sim, fomos salvos no momento da justificação. Estamos sendo salvos no decorrer do processo da santificação. E seremos salvos quando ocorrer a Sua glorificação.

tomou a pena pela última vez em sua vida, e escreveu a segunda epístola a Timóteo. (Essa epístola é chamada com razão o testamento de Paulo.) Nesta carta encontramos em linguagem eloqüente a segurança que o animava, enquanto aguardava o seu martírio: “Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.”

II Tim. 1:12. Terminava gloriosamente a sua carreira reafirmando sua inquebrantável confiança na salvação em Cristo Jesus.

Estando em sua primeira prisão, escreveu esta alentadora promessa: “Tendo esta certeza de que Aquele que começou em vós a obra, a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo.” Filip. 1:6.

Sim, o Senhor havia aperfeiçoado na vida de Paulo a Sua obra salvadora. Por isso, ao sentir sobre a encanecida cabeça a sombra da espada criminosa do imperador, sentenciou sem sombra de dúvidas: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a Sua vinda.” II Tim. 4:7 e 8.

Notai o que nos é assegurado nas palavras da Inspiração: “Pode dizer o pecador, a perecer: ‘Sou um pecador perdido; mas Cristo veio buscar e salvar o que se havia perdido. . . . Sou pecador, e Ele morreu na cruz do Calvário para me salvar. Nem um momento mais preciso ficar sem me salvar.

Ele morreu, e ressurgiu para minha justificação, e me salvará agora. Aceito o perdão que prometeu.’” — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 392.

Conclui na página 24.

O Remédio Divino Para a Crítica

Convido-os a meditar numa mensagem que foi apresentada pelo Senhor Jesus, o Rei de Israel, e que se encontra no manifesto de Seu Reino, dirigido a Seu povo, aplicando-se portanto a cada um de nós no tempo presente.

“Não julgueis, para que não sejais

DAVI GULLÓN

julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho,

quando tens a trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.”

O Significado do Termo “Julgar”

Tenhamos cuidado para não ser desorientados pelo somido dessas palavras. O vocábulo traduzido aí por “julgar” aparece mais de cem vezes no Novo Testamento e tem mais de uma acepção. Pode significar: tirar uma conclusão, como a que Simão tirou quando Jesus relatou a parábola dos dois devedores: “Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu-Lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Repliquou-lhe: Julgaste bem.” S. Luc. 7:42 e 43; formar uma opinião, como quando Paulo exorta os coríntios a fugir da idolatria e acrescenta: “Falo como a criteriosos, julgai vós mesmos o que digo.” I Cor. 10:15.

Para compreender seu verdadeiro sentido, devemos considerar o contexto. Jesus está mostrando que o caráter e a conduta de Seus seguidores devem ser radicalmente diferentes da justiça dos escribas e fariseus, e muito superiores: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos Céus.” S. Mat. 5:20. Tudo que segue deve ser estudado à luz desta declaração.

Jesus não Se refere ao senso de discriminação que o cristão deve possuir para distinguir entre o que é bom e o que é mau, nem está dizendo que devemos ser cegos e não perceber nada. Ele Se refere à crítica severa e condenatória. Refere-Se ao juízo parcial que aumenta as faltas dos outros e passa por alto as virtudes que possuem ter; isto é, que os discípulos devem comportar-se de maneira exatamente contrária à dos fariseus.

Um Sábio Conselho

Um conhecido relato fala de um pastor que certo domingo pregou um sermão sobre a mordomia cristã. Apresentou a parábola dos talentos e instou com a congregação para que colocasse sobre o altar do serviço todos os talentos e dons que Deus lhes havia dado. Depois do culto, um membro aproximou-se dele e disse:

— Pastor, não sou um homem especialmente dotado. Não me sinto capaz para ensinar na escola dominical, nem para angariar dinheiro para a igreja,

Jesus nos ama e por isso ordena que não julgemos. Se queremos fazê-lo, devemos ter em mãos todos os dados. Antes de julgar devemos conhecer todos os pormenores. Assim atua o Senhor.

nem para fazer todas as outras coisas sobre as quais o senhor falou esta manhã. Mas, pastor, tenho um talento, um talento que pode ser de algum benefício para a igreja.

— Qual é esse talento? — perguntou o pastor.

— Bem — disse o homem — tenho o talento da crítica. Posso criticar construtivamente. Posso criticar seus sermões, o coral, cada coisa que é feita, e também criticar os membros. Que devo fazer com o meu talento?

O ministro permaneceu em silêncio durante o tempo em que orou a Deus por sabedoria. Declarou então o seguinte:

— Recorda o que fez na parábola o homem que tinha um talento? Ele o enterrou. Sugiro que o irmão faça a mesma coisa.

Creio que nós também devemos seguir o mesmo conselho se temos esse talento. Talvez não cometamos pecados grosseiros, mas como somos propensos a criticar os outros! Todos temos violado essa ordem, e até o melhor entre nós é um pecador quando se trata do uso da língua.

Alguém disse que há três níveis de conversação: o mais elevado é o das idéias; o segundo diz respeito às coisas; e o mais baixo, tem que ver com pessoas. Acho que passamos a maior parte do tempo falando de pessoas, criticando-as e censurando-as. Já pensamos que seria de nossa igreja, de nosso lar e de nós mesmos, se de hoje em diante obedecêssemos à ordem de Jesus e abandonássemos a crítica?

De que falamos quando estamos em casa? De que falamos quando estamos à mesa? Sobre que conversamos quando nos encontramos com nossos irmãos? De que falamos nossos jovens? Falamos de pessoas e atos de pessoas? Oxalá Deus nos ajude a abandonar este mau hábito, para não representarmos o papel dos antropófagos ou dos bandidos que atacaram o homem que descia de Jerusalém para Jericó.

A irmã White declara que a crítica e o mexerico causam terrível dano à igreja. Há uma citação que me alarmou e prendeu minha atenção: “Os bisbilhoteiros e mexeriqueiros são uma terrível maldição para as vizinhanças e as igrejas. Dois terços de todos os males da igreja provêm desta fonte.” — *Testimonies*, vol. 2, pág. 466.

Se fizessemos uma pesquisa de todos os problemas que tem havido na igreja, verificaríamos que a maior parte se deve ao hábito de criticar e bisbilhotar. As palavras de Jesus têm por obje-

tivo curar uma enfermidade que parece ser própria de todos nós. Difícilmente há uma pessoa que não tenha o desejo de inquirir das faltas dos outros. E, como muitos de nós estamos contagiados por essa epidemia, é meu propósito apresentar os perigos da crítica e o remédio que a Palavra de Deus indica para este mal.

1. Não Devemos Julgar Porque é Perigoso

Três idéias se destacam na passagem que citamos. A primeira é que não devemos julgar os outros porque é perigoso. Jesus disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados." A forma imperativa exige que resistamos a tal curso de ação ou que desistamos dele, porque seremos julgados. Mas, julgados por quem?

Julgados talvez pela História. Registram-se dezenas de casos de pessoas que abriram a boca para criticar abertamente a outros, e o tempo se encarregou de julgar a eles mesmos.

Jesus foi criticado durante Seu ministério. Até mesmo na cruz foi julgado severamente. A quem ocorre pregar um reino baseado no amor e no perdão, até aos inimigos? É um impostor Crucifica-o! — bradaram eles. Pergunto: a quem julgam os séculos?

Davi Livingstone decidiu estudar Medicina, para servir no campo missionário. Quando foi para a África, alguns de seus companheiros pensaram que estava perdendo a áurea oportunidade de sua vida: atuar em Londres e acumular uma grande fortuna. A quem julga o tempo?

Quando Isaac Newton enunciou a lei da gravitação, alguns de seus críticos se abalçaram a dizer: "Este matemático louco não terá vinte seguidores em sua vida." Passaram-se mais de dois séculos, e quem é considerado louco pelo tempo?

A Natureza não muda. As árvores continuam sendo árvores, as montanhas continuam sendo montanhas, e os rios continuam correndo para o mar; mas a natureza humana se altera, se transforma, e o que hoje dizemos de alguém, amanhã pode recair sobre nossa própria cabeça. Meus irmãos, o tempo pode julgar-nos, porque nós mudamos; não somos os mesmos. Além disso, somos falíveis e na maioria das vezes criticamos com desconhecimento dos fatos.

Que sucederia se o Senhor nos julgasse da mesma maneira? Que pensaríamos da justiça de nosso país se julgasse a um suposto réu sem levar em conta todos os fatos, todos os testemu-

Quanto mal se pode fazer, mesmo dizendo a verdade! Podemos dizer somente a verdade; contudo, a forma em que nos expressamos pode sugerir que não devemos confiar em alguém.

nhos e tudo que lançasse luz sobre o caso? Nós a consideraríamos parcial. Sabiamente Jesus ordena a Seus seguidores: "Não julgueis."

Seremos julgados pela sociedade. Parece ser uma lei humana que aquilo que geralmente condenamos nos outros constitui um defeito que nós mesmos possuímos. Seremos julgados com a mesma medida e com o mesmo critério. Convidamos os outros a que vejam a mesma coisa em nós. Jesus disse: "Com o critério com que julgardes, se-reis julgados."

Não devemos julgar também porque seremos julgados por Deus. Ninguém está qualificado para julgar, porque o assento de juiz pertence ao Senhor. Nós não podemos ler o coração, não conhecemos os motivos que ocasionam os atos. Deus pedirá contas de todos os que ajudarem a Satanás na obra de criticar. "A dureza e o hábito de criticar as faltas de outros devem ser reprovados como obra do diabo. Cumpre fomentar e robustecer nos crentes o amor e a confiança mútua. Oxalá que, movido pelo temor de Deus e o amor dos irmãos, cada qual feche os ouvidos aos mexericos e acusações." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 252.

Jesus nos ama e por isso ordena que não julguemos. Se queremos fazê-lo, devemos ter em mãos todos os dados. Antes de julgar devemos conhecer todos os pormenores. Assim atua o Senhor. Após o Dilúvio, os homens começaram a construir uma grande torre. A Bíblia diz: "Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam." Viu o que faziam e confundiu sua língua (Gên. 11:1-7). Séculos mais tarde, antes de destruir com o fogo as cidades de Sodoma e Gomorra, disse Deus: "Desce-rei, e verei se de fato o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até Mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei." Gên. 18:21.

Irmãos e irmãs, fazemos o mesmo quando julgamos aos outros, quando criticamos a nossos irmãos? Descemos também para investigar tudo, para falar com a pessoa e ver como aconteceram as coisas? Ou criticamos somente porque somos maliciosos ou porque alguém nos disse algo?

E, visto que é mau julgar, é horrível dar expressão audível ao que ouvimos, sem nos dar ao trabalho de documentar se é assim como nos disseram. Nós o ouvimos de um terceiro, e o passamos a um quarto, a um quinto, a um sexto. E o boato corre. Por isso Jesus nos manda: "Não julgueis", ou seja: Não critiqueis, não condeneis.

Quanto mal se pode fazer, mesmo dizendo a verdade! Podemos dizer somente a verdade; contudo, a forma em que nos expressamos pode sugerir que não devemos confiar em alguém. Talvez haja um laivo de malícia, uma segunda intenção em nossa voz. A pena inspirada disse o seguinte: "É cruel dar a entender e insinuar, como se soubéssemos em relação a esse amigo ou aquele conhecido, muita coisa ignorada pelos demais. Essas insinuações prosseguem e criam impressões mais desfavoráveis do que se os fatos fossem francamente relatados, de maneira livre de exagero. Que danos não tem sofrido a igreja de Cristo por causa dessas coisas!" — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 492.

Deus proibiu a bisbilhotice entre Seu povo. "Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo: Eu sou o Senhor." Lev. 19:16. A crítica e o mexerico são como uma bola de neve, que de algo tão pequeno que um bebê pode segurar, se converte, só por ser rodada, numa montanha que ninguém pode mover.

Davi foge de Saul, e chega a Nobe, a cidade dos sacerdotes. Aimeleque lhe dá pão. Davi pergunta: "Não tens aqui à mão lança ou espada alguma?" E o sacerdote responde: "A espada de Golias, o filisteu, . . . está aqui, enrolada num pano . . . ; se a queres levar, leva-a." Ali se achava presente Doegue, idumeu, um dos servos de Saul. Davi vai embora, o sacerdote olvida o incidente, Doegue se encontra com Saul e em certo momento menciona o que viu, dando a entender a Saul que Davi e Aimeleque estavam conspirando juntos contra ele. E o resultado não se fez esperar. Saul ordenou que fossem mortos todos os sacerdotes e seus familiares, tanto homens como mulheres, meninos e crianças de peito (I Sam. 21:7-9; 22:6-20).

Quão verdadeiras são as palavras inspiradas! "Um olhar, uma palavra, mesmo uma inflexão da voz, podem ser a expressão da falsidade, cravando-se qual seta farpada em algum coração, infligindo-lhe ferida incurável." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 20.

Meus amados irmãos, "vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!" (S. Tia. 3:5). Cuidemos de não estar tirando a vida de ninguém por meio do que sai de nossa boca. Não alimentemos a tendência para criticar. Houve um entre os doze que cultivou a disposição para criticar e

Cristo reprovava ambos estes males: A excessiva sagacidade — derivada da falta de amor — quando esquadrihamos intimamente as faltas dos irmãos, e a condescendência pessoal com que defendemos e acariciamos nossos próprios pecados.

acusar. Foi justamente o que traiu e vendeu a seu Senhor. "Se Satanás pode levar professos crentes a agir como acusadores dos irmãos, sente-se contente com razão, pois aqueles que assim fazem estão-no servindo tão justamente como Judas quando traiu a Cristo." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 504.

2. Não Devemos Julgar Porque é Hipocrisia

A segunda idéia que se destaca nessa passagem é que não devemos julgar porque é hipocrisia. "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?" S. Mat. 7:3 e 4.

Na vida real esta suposição é impossível, é uma ridicularia. Cristo apresenta o ridículo de que um cego possa ver algo tão pequeno no olho de outrem. A palavra traduzida por "argueiro" é uma pequenina partícula que se introduziu no olho. A palavra traduzida por "trave" é a viga mestra que sustenta todo o teto de um edifício, e é impossível que alguém possa ter semelhante viga dentro do olho.

Por que razão Jesus fala do olho? Sem dúvida está-Se referindo à percepção moral, e podemos parafrasear Suas palavras deste modo: "Se tua percepção moral está totalmente errada, não julgues a teu irmão cuja percepção moral está um pouquinho errada." Ele apresenta uma falta que se encontra comumente nos hipócritas. Embora tenham olhos de lince para ver as faltas alheias, e empreguem uma linguagem severa e exagerada para descrevê-las, lançam suas próprias faltas para trás das costas ou encontram desculpas para elas.

Cristo reprovava ambos estes males: A excessiva sagacidade — derivada da falta de amor — quando esquadrihamos intimamente as faltas dos irmãos, e a condescendência pessoal com que defendemos e acariciamos nossos próprios pecados. Ou como disse o poeta: "Num alforje sobre o ombro levo todos os vícios: na frente os alheios; atrás, os meus."

O pecado é uma influência cegante em nossa vida, pois nos arrebatava a percepção moral, e quando criticamos é justamente porque estamos cegos, e acontece a mesma coisa quando estamos bisbilhotando. Cristo disse: Não olhes para o cisco no olho de teu irmão; olha para o que há em teu pró-

prio olho. No entanto, o crítico não vê a perfeição do olho, mas somente aquela minúscula partícula inserida no olho. Observa para ver o que é mau, e não percebe o que é bom. É como se olhasse para as faltas do próximo com um microscópio eletrônico. Focaliza o defeito e, por certo, o vê grande, desconcomunal, desproporcionado. Olha depois para sua própria falta pelo lado oposto de um telescópio e contempla sua falta tão longe, que a vê reduzida infinitesimalmente. Isso é o que costumamos fazer, e é precisamente o que Jesus condena.

É esta uma forma muito sutil de pecado: procurar ajudar o irmão, escondendo nosso próprio mal. Orgulhamonos da exatidão de nosso juízo e estamos tão equivocados como o cego que quer guiar a outro cego.

Não observemos as faltas dos outros com o microscópio. Se procedermos assim, não veremos nada em sua verdadeira grandeza, e quem faz semelhante coisa condena-se a si mesmo. Demonstra que é hipócrita. Foi o que sucedeu com Davi quando Natã lhe relatou a parábola do rico e do pobre (II Sam. 12:1-7). Quando se ascendeu do furor do rei, disse-lhe o profeta: "Davi, estás condenando a ti mesmo; tu és esse homem."

Estimados irmãos, acatemos a ordem de Cristo. Tiremos a trave de nosso olho. Tiremos a trave da soberba, que tanto dano nos causa, a trave do orgulho, a trave de nossa obstinação, a trave de nosso amor ao mundo, a trave de nossa indiferença, a trave de nossa falta de amor para com os irmãos. Cada um conhece e sabe qual é a trave que tem em seu olho. Não pensemos do próximo algo contrário do que dita o amor. Não condenemos o culpado mais severamente do que merece. Não tiremos conclusões injustas ou cruéis a respeito de nenhum irmão. Não façamos suposições acerca de seus motivos, nem os julguemos.

Há um trecho de ouro no livro *O Maior Discurso de Cristo*, de Ellen G. White: "Enquanto não vos sentirdes dispostos a sacrificar o amor-próprio e mesmo dar a própria vida para salvar um irmão em erro, não tirastes a trave do próprio olho de maneira a estar preparados para ajudar a um irmão." — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 128.

3. Devemos Amar a Nossos Irmãos Antes de Julgá-los

E, finalmente, a terceira idéia que se depreende do texto é que devemos

"Os bisbilhoteiros e mexeriqueiros são uma terrível maldição para as vizinhanças e as igrejas. Dois terços de todos os males da igreja provêm desta fonte."

amar a nossos irmãos antes de julgá-los. Os rabis têm uma expressão que diz o seguinte: "Há três faltas muito graves que destruirão o homem: a idolatria, o incesto e o assassinio, mas quem bisbilhoteia e critica, mata a três, pois o mexerico mata a três: o que o profere, o mexeriqueiro e aquele que o ouve."

Quem aceita opróbrio contra o seu próximo não pode receber a aprovação de Deus. A pergunta do salmista: "Quem, Senhor, habitará no Teu tabernáculo? Quem há de morar no Teu santo monte?" é dada a resposta: "O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade; o que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, nem lança injúria contra o seu vizinho." Sal. 15:1-3.

Quantos males seriam evitados na igreja se nossa língua estivesse onde deve estar, e se não falássemos nem ouvíssemos falar mal dos outros! Sei que todos queremos estar na Nova Jerusalém, mas há uma classe de cristãos que não entrarão ali. O livro do Apocalipse omite a tribo de Dã entre as tribos dos vencedores. A razão está em que Dã foi uma tribo dada à crítica, e ninguém que critique entrará no Céu. Diz a Escritura: "Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás." Gên. 49:17. Poderíamos encontrar uma descrição mais atilada dos efeitos da crítica, do que esta?

Eliminemos completamente a crítica e desaparecerão dois terços dos males que afligem a igreja. Pela graça de Deus, resolvamos acabar com o mexerico e com a crítica. ■■

Conclusão da página 20.

Com esta segurança podemos cantar com o coração transbordante de gozo: "Salvo em Jesus, meu Mestre, gozo o prazer da paz;

Tal comunhão com Ele toda aflição desfaz.

Ele me deu certeza: Salvo estarei no além.

Oh, que prazer, que gozo enche meu ser também!

— *Cantai ao Senhor*, n.º 282.

Sim, fomos salvos no momento da justificação. Estamos sendo salvos no decorrer do processo da santificação. E seremos salvos quando ocorrer a Sua glorificação. Esse tríptico aspecto da salvação nos permite repetir com alegria as palavras inspiradas: "Temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." ■■